

## ENTREVISTA: NORVAL BAITELLO JUNIOR

### DA ABSTRAÇÃO À EXCREÇÃO: O PREÇO DA VIRTUALIDADE E A PERDA DA EXISTÊNCIA

Helena Maria Cecília Navarrete<sup>1</sup>

**NORVAL BAITELLO JUNIOR** é doutor pela Universidade Livre de Berlim (1987) e professor da Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Foto: Arquivo pessoal.



É autor, entre outras obras, de “A Era da Iconofagia” e “O Pensamento Sentado”. Atuou como professor convidado nas universidades de Viena, Sevilha, São Petersburgo, Autônoma de Barcelona, Évora e Valdívia. Fundou em 1992 Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia (Cisc), por meio do qual organizou mais de 20 eventos internacionais, publicações e intervenções. Entre 2007 e 2016, coordenou a área de Comunicação e Ciências da Informação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Recebeu o prêmio de Maturidade Acadêmica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) em 2015.

Nesta entrevista, Norval Baitello Jr. destaca como as abstrações e o mundo dos dados digitais impactam nossa existência. As abstrações são uma forma de ausência. Ao abstrair, subtraímos elementos constitutivos do nosso ser (e estar). Os dados que são retirados de nós, quando usamos as mídias digitais, são imagens complexas e abstratas, que extraem nossa alma, já que esse processo consome nossa vida social e o nosso

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Especialista em Marketing e Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e em Marketing pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduada em Ciências Sociais e Comunicação Social - Jornalismo pela PUC-Campinas. Professora no Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta). E-mail: [hnav@uol.com.br](mailto:hnav@uol.com.br)

corpo. Para superar isso, é necessário voltar a um pensamento-corpo, reconectando-nos com a essência de nossa humanidade.

### **Como você definiria o mundo dos dados digitais e o que custa o virtual para os seres humanos?**

O mundo dos dados é o mundo das abstrações. E o que é uma abstração? A primeira resposta que eu daria é: uma abstração é uma variante da ausência, ou seja, é uma forma de ausência. Então, vamos às palavras, porque são elas que mostram o que está por detrás e que nos descortinam realidades ou as escondem. A ausência é uma palavra que vem do latim *absentia* e que vem da nossa grande língua bisavó, o indo-europeu, do radical “es”, que significa ser. E o prefixo “ab” significa retirada. Então, *absentia* significa “retirada do ser”. Ausência é, portanto, a retirada do ser e estar. Então, a ausência e a abstração têm em comum o prefixo “ab”, que é justamente a retirada. Então, o que significa abstrair? Abstrair significa trazer retirando, tirar alguma coisa de alguma coisa que já existe, o que é a mesma coisa que subtrair. Então, abstrair é subtrair. Portanto, a ausência é a retirada do ser. O que significa retirar o ser? Significa retirar aquilo que nos é constitutivo, aquilo que nós somos. Significa retirar aquilo que é a nossa essência. Faz parte do humano criar abstrações como ferramentas, ferramentas para facilitar a comunicação, por exemplo. Então, o desenho é uma abstração, a escrita é uma abstração, os números e as imagens são abstrações. As tecnoimagens são abstrações de abstrações. Os nossos dados são tecnoimagens, são complexos informacionais e que não têm a forma da visualidade, mas possuem conceitualmente a qualidade de imagens. Isso é interessante porque o conceito de imagem já não serve mais como definição apenas de visualidade. Até mesmo para os nossos sentidos. Nós capturamos o mundo por meio de outros sentidos, por meio do nosso olfato, por meio do nosso paladar, por meio de nossas mãos. Então, existem imagens táteis, olfativas, acústicas. Os cegos recebem o mundo por imagens táteis, por meio dos ouvidos e, portanto, eles tocam e ouvem o mundo. Nós recebemos imagens acústicas do mundo e por meio também da nossa propriocepção. Então, recebemos imagens de nós mesmos, do nosso organismo interno. Portanto, o conceito de imagem como apenas visualidade é um conceito absolutamente fora de atualidade. Imagem não é apenas visualidade. Então, o que são dados? Dados são grandes e complexas imagens de altíssimo grau de abstração. Então,



aquilo que está sendo extraído de nós são imagens de nós, imagens da nossa alma. Ou talvez nós possamos dizer o que está sendo extraído é a nossa própria alma.

### **O que as abstrações jogam fora? O que elas devoram?**

Devorar significa metabolizar. Metabolizar significa retirar algo e excretar algo outro. Então, se é a nossa alma que está sendo devorada, então o que é que está sendo jogado fora? O que está sendo cuspidos ou o que está sendo excretado? Se são retirados de nós dados, metadados e *big data*, estão sendo retiradas as nossas imagens. Imagens de altíssimo grau de abstração estão sendo retiradas da nossa alma. O que significa excretar? A palavra consumir, que vem do latim, significa fazer desaparecer. O fogo consome, o fogo faz desaparecer as coisas. Então, o que é de nós que está sendo levado ao desaparecimento? São dois elementos constitutivos do humano. O primeiro deles é a vida social. Então, tudo aquilo que nos vincula a outros, que é constitutivo do nosso sucesso evolutivo sobre o planeta: a vida social. Nós somos quem somos porque somos sociais. Já ao nascer não sobrevivemos, não fossem os vínculos sociais que somos hábeis em construir com o nosso entorno. O segundo ponto é o corpo. O que é que está sendo cuspidos? O que está sendo excretado com esse mecanismo? O corpo, nossa complexa existência biossocial, afetiva, psíquica e cultural.

### **Qual é a conexão entre o ato de sedar, o sentar e nosso corpo em relação à nossa existência?**

Um dos livros que eu escrevi se chama “O Pensamento Sentado”, e a ideia desse livro é justamente trabalhar o outro lado da palavra e do ato de sentar, que é o “sedar”, “acalmar”. A palavra em português foi um pouco alterada, mas que, no latim, é a mesma. Sentar vem do verbo latino *sedere*, que significa, em primeiro lugar, acalmar e daí vem sedar. Então, sentar é a mesma coisa que sedar. Para que se retire a nossa existência biossocial, que é constitutiva do nosso ser, da nossa vida, a nossa vida afetiva, nós precisamos ser sedados. Quando alguém está nervoso, a gente fala “senta, senta, para que se acalme!”. Os sistemas de extração dos nossos dados, aparentemente inofensivos, mas que têm um altíssimo custo, precisam que nós sejamos sedados. E as imagens, as máquinas de imagens e todos os atrativos dos extratores dos nossos dados, o que nos oferecem em troca, são mecanismos de sedação. Então, eles nos botam



sentados. Estou aqui sentado diante do computador. Vocês, leitores, provavelmente estão sentados diante de um celular, diante de um computador, ou um *laptop*, ou um *tablet*. Mas invariavelmente estamos sentados. Então, é o nosso corpo que está sendo sedado. E o corpo é a instância número 1 de resistência para a vida, para a vida biológica e depois para a vida social também. Onde não levamos o nosso corpo, não constituímos sociabilidades. Então, qual é o custo que tem isto? Todo esse mecanismo? O custo é que nós estamos entregando a nossa existência. E aqui eu paro de novo para falar sobre a palavra existência. A palavra existência vem do latim, juntando “ex” (para fora) com o “sistere”, que significa estar de pé. O “sistere” vem de uma palavra do indo-europeu, que também dá a palavra *stand* em inglês. E também em alemão *stehen*. Então, é que, se a existência significa estar de pé, estar de pé significa estar de prontidão, estar ativo, estar alerta, estar preparado para o bote, para defesa e para o ataque. E o “ex” significa para fora. Então, estar de pé, mostrando para fora. É isso que nós estamos entregando, é isso que nos estão roubando, é isso que nos estão extraíndo: a nossa existência. Ou seja, é isso que estão excretando de nós como bagaço, é a nossa principal constituição. São os elementos constitutivos do nosso ser: o corpo e a vida social. E como sair disso onde estamos? O sociólogo do corpo e da imagem Dietmar Kamper escreveu, em 1994, um texto que se chama “O que custa o virtual”. Esse texto está no livro “Mudança de Horizontes”, e nele ele constrói uma imagem em alemão, *KörperDenken*, que significa pensamento-corpo. Ou seja, ele nos chama de volta para o pensar-corpo. Então, vamos pensar não com as abstrações, mas vamos pensar com o nosso corpo todo, sede de nossos afetos, nossa sociabilidade, nossa vida psíquica, nosso estar no mundo.

#### **PRINCIPAIS OBRAS DE NORVAL BAITELLO JUNIOR (em português)**

**Dada-Berlim. Des/Montagem.** São Paulo: Annablume, 1993.

**O animal que parou os relógios.** São Paulo: Annablume, 1997.

**A serpente, a maçã e o holograma:** esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus.

**O pensamento sentado.** Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

**A era da iconofagia.** Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

**A carta, o abismo, o beijo.** Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.

